



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

***Liaisons dangereuses: aspectos
biográficos de Roman Jakobson
durante seu período tcheco
(1920-1939)***

***Liaisons dangereuses: Roman
Jakobson during his Czech
period (1920-1939)***

Autor: Valteir Vaz

Fundação Santo André
Santo André, São Paulo, Brasil

Edição: RUS Vol. 12. Nº 19

Publicação: Agosto de 2021

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.188513>



Liaisons dangereuses: aspectos biográficos de Roman Jakobson durante seu período tcheco (1920-1939)

Valteir Vaz*

Resumo: Numa perspectiva mais ampla, este ensaio aborda a vida de Roman Jakobson durante sua permanência de quase vinte anos na Tchecoslováquia, entre 1920 e 1939. Trata-se de uma abordagem puramente biográfica, que contempla particularmente ligações, dificuldades, perseguições e desconfianças que fizeram parte do convívio do filólogo com autoridades políticas em Praga e Brno.

Abstract: In a rather general view this essay wants to present Roman Jakobson's life during his almost twenty years stay in Czechoslovakia, between 1920 and 1939. It is a purely biographical approach which describes relations, difficulties, distrusts and persecutions which were a feature of his social interaction with political authorities in Prague and Brno.

Palavras-chave: Roman Jakobson; Tchecoslováquia, Praga; Cruz Vermelha Soviética

Keywords: Roman Jakobson; Czechoslovakia; Prague; Soviet Red Cross

* Professor de Teoria Literária e Literatura Brasileira na Fundação Santo André e no CEETPS. Realiza pós-doutorado sobre o período tcheco de R. Jakobson, na Universidade de São Paulo; <https://orcid.org/0000-0002-9960-3332>; valvaz@usp.br

No dia 10 de julho de 1920, em pleno verão tcheco, o jovem linguista russo Roman Ossípovitch Jakobson, então com 24 anos, desembarcava com os outros cinco membros da Cruz Vermelha Soviética¹ na estação ferroviária Woodrow Wilson, no coração de Praga. Conforme consta em seu passaporte da época, eram 16h32. A bagagem dos viajantes, todos homens e judeus, era excessiva. Além das malas com os pertences pessoais, havia outras dez caixas, que foram imediatamente apreendidas pela polícia local para inspeção. Constatou-se rapidamente que se tratava de caixas com dinheiro, algo em torno de 15 milhões da então chamada “duma rublos”, uma moeda emitida pelo governo provisório russo (1917). Embora a quantidade de cédulas fosse exagerada, o valor em si não era exorbitante, mas o episódio acabou causando espécie e as autoridades da cidade encontraram mais um motivo para, dali em diante, monitorar rigorosamente as ações do grupo. Da estação, seguiram para o então tradicional Hotel Imperial, no centro da cidade, onde a Cruz Vermelha Soviética havia reservado para eles, provisoriamente, três quartos. Do primeiro ao último dia da missão em Praga, não houve uma única ocasião em que seus integrantes não estivessem sob a mira do serviço de inteligência tcheco.²

Mas, como Jakobson se envolveu e qual era, de fato, seu verdadeiro papel na missão em Praga? Para tentar

1 A delegação era composta por Solomon Gillerson, Viškovskij, Jakobson, Levin, Theodor Nette e Kuzmin. Alguns integrantes do grupo, inclusive Jakobson, partiram de Moscou, passaram por Talin e seguiram por via marítima para a cidade portuária de Szcecin, no norte da Polônia, de onde embarcaram em um trem para Berlim e chegaram a Praga.

2 Veja a este respeito o esclarecedor ensaio de Peter Steiner “Which Side Are You on? Roman Jakobson in Interwar Prague”. In: ESPOSITO, Edoardo; SINI, Stefania; CASTAGNETO, Marina (org.). *Roman Jakobson, linguística e poética*. Milão: Ledizioni, 2019, p. 75-86.

responder a esta pergunta, precisamos fazer uma longa digressão, retornando inicialmente ao contexto russo e depois ao tcheco.

1. De Moscou a Praga

Krystyna Pomorska recorda que em outubro de 1979, durante uma discussão que se alongou após uma palestra de Jakobson na Universidade de Moscou, alguém lhe pediu para fazer um breve resumo de sua biografia, ao que ele, aos 83 anos, prontamente respondeu: “Eu não gosto de me voltar para o meu passado. Eu vivo para o meu futuro.”³ Em seguida, como quem procura justificar uma resposta por demais sucinta, acrescentou: “Embora não tenha muito mais tempo pela frente, ainda continuo vivendo para o futuro.”⁴ A passagem explicita a deliberada atitude valorativa em face da novidade, do não estabelecido, um traço distintivo de sua personalidade, possivelmente assimilada durante seus anos de futurista.

Ainda aluno da graduação na Universidade de Moscou, entre 1914 e 1918, Jakobson já defendia, segundo ele mesmo conta, a necessidade de sair do quadro dos estudos universitários tradicionais. Seu espírito irrequieto o colocou em contato com o que havia de mais novo na época. Foi amigo ou manteve contato, entre outros, com Vladimir Maiakóvski, Velimir Khlébnikov, A. E. Kruchôn timer, Kazimir Malévitch, Pável Filónov, Olga Rozánova: a nata da vanguarda futurista e cubo-futurista russa. Seduzido pelo fervor desse período, chegou a experimentar a mão como poeta sob o pseudônimo de Aliágrov. Dessa safra, porém, pouco se colheu: peca-dilhos da juventude. Sua notoriedade veio mesmo com as suas obras nos campos da linguística e dos estudos literários.

3 POMORSKA, 1992, p. 248.

4 *Idem*, p. 248.



Os irmãos Jakobson. Da esquerda para direita: Mikhail, Serguei, Roman, 1900. Retirada de AVTONOMOVA; BARRAN; SHCHEDRINA, 2017, p. 289.

O interesse por processos dinâmicos e inovadores nos estudos linguísticos fez dele um estudioso da oralidade, da língua em ação, embora seus *insights* sobre o texto literário sejam igualmente importantes. A primeira pesquisa levada a cabo por ele foi no âmbito da dialetologia, quando ainda era estudante de filologia na universidade. Começou com os dialetos falados nas cercanias

de Moscou, depois foi ampliando seus interesses para outras regiões do país, sobretudo para zonas fronteiriças.

À época, a dialetologia desfrutava de prestígio entre acadêmicos moscovitas; um grupo seletivo deles mantinha suas pesquisas nas dependências da Universidade de Moscou e, não raro, gozavam de recursos públicos para a realização de projetos. Jakobson, tão logo ingressa na universidade, une-se ao grupo. O nome oficial da organização firmou-se como Comissão Moscovita de Dialetologia, que, após alcançar seu ápice de produtividade em 1914, começou gradativamente a declinar. Na medida em que as atividades da Comissão minguavam, uma nova organização, igualmente voltada para os estudos linguísticos, ia surgindo. Ela receberia o nome de Círculo Linguístico de Moscou, doravante CLM. Assim como a comissão de dialetologia, o CLM se estabeleceu nas dependências da mesma universidade e usufruiu de algum subsídio do Estado. A continuidade entre as duas organizações também se afere, por exemplo, no fato de que boa parte dos membros da Comissão, por ocasião do seu enfraquecimento, migraram para o CLM.

As atividades do Círculo começaram no outono de 1915 e foram encerradas em novembro de 1919. Jakobson foi



Universidade de Moscou na época de Jakobson. Retirada de AVTONOMOVA; BARAN; SHCHEDRINA, 2017, p. 291.

um de seus fundadores e seu primeiro presidente. Embora as pesquisas no âmbito do grupo se espalhassem por áreas como folclore e teoria literária (poética), seu forte era mesmo a linguística. Essa célula, juntamente com a Sociedade de Estudos da Linguagem Poética (OPOIAZ), de São Petersburgo, constituem, como se sabe, o Formalismo Russo.

Embora o clima político nos anos imediatamente sucessivos à Revolução de 1917 fosse bastante tenso – momento em que os pais de Jakobson, juntamente com seu irmão Serguei, decidem emigrar para a Alemanha, ante o acentuado declínio econômico do país⁵ –, Jakobson dá continuidade ao seu envolvimento no fervoroso clima cultural do período, tanto junto às manifestações de vanguardas quanto ao CLM. Porém, algumas declarações da época indicam seu desejo de ampliar seus horizon-

⁵ O pai de Jakobson, Óssip Abramovitch, natural da província de Kovno, atualmente território da Lituânia, havia se formado como engenheiro químico em Riga, mas obtivera sucesso como comerciante de produtos chineses (arroz e chá) em Moscou. A mãe, Anna Iankelevna (nascida Volpert) era natural de Riga, capital da antiga província de Livônia, hoje Letônia.

tes acadêmicos, em *My futurist years*, por exemplo, ele escreve: “Quando me tornei um estudante avançado da graduação, eles me disseram que seria interessante pra mim ter um contato mais próximo com outros países e línguas, [...] eu queria trabalhar numa universidade em Praga.”⁶ Dessa forma, ele tratou de fazer saber desse seu desejo a quem interessava, particularmente à elite política e estatal bolchevique, com quem mantinha estreito contato. E as coisas de fato começaram a acontecer nesse sentido.

Outro aspecto que contribuiu para que seu desejo se realizasse está ligado ao fato de Jakobson ter desempenhado diversos cargos no âmbito do governo bolchevique em Moscou assim que concluiu sua graduação. A historiadora russa Marina Sorókina, a partir de levantamentos de seus tirocínios em arquivos russos, apresenta um inventário dessas posições em “Roman Jakobson e a revolução russa”. Em resumo, tem-se o seguinte: em setembro de 1918, ele começa a trabalhar no *Narkompros* (Comissariado do Povo para a Educação), sob as ordens do ministro Anatóli Lunarchárski; ainda em 1918, ele inicia nova função de consultor junto ao Departamento de Reformas Educacionais; outra indicação para o cargo de conselheiro de Museus ocorre entre 23 de janeiro a março de 1919, sob a liderança de Natalia Sedova; no verão de 1919, trabalha com Óssip Brik como secretário acadêmico do Comissariado do Departamento de Arte.⁷

Entre todas as posições ocupadas, a mais frutífera foi certamente com o Comissariado do Povo para Relações Exteriores, iniciada no verão de 1918 e que se estenderia por mais ou menos dez anos. Neste órgão, Jakobson pôde se valer de seus conhecimentos de dialetologia e etnologia dos tempos da universidade. Conta ele que em 1918, por indicação de seu antigo professor Dmitri Ushakov, foi procurado para prestar consultoria de ordem aca-

6 JANGFELDT (org.), 1992, p. 84.

7 SOROKINA, 2001, p. 223.

dêmica às autoridades soviéticas sobre a demarcação de fronteiras do país, baseando-se não somente em critérios geográficos, mas, em alguns casos, em aspectos dialetológicos, assunto do qual Jakobson era conhecedor. Após os esclarecimentos, Vladimir Friche o procurou e propôs pagar honorários pelo trabalho, o que ele recusou, preferindo, ao invés disso, a ajuda do Comissariado para enviar seu pai, então doente, para o estrangeiro, no que foi imediatamente atendido. Mais tarde, seria ele próprio a se beneficiar dessas ligações para conseguir deixar o país na condição de funcionário do governo.⁸

Quando os bolcheviques chegaram ao poder, as relações diplomáticas soviéticas com o resto do mundo precisaram ser retomadas e, em muitos casos, foi necessário começar do zero. Muitas nações rejeitaram reconhecer a legitimidade do novo governo e do regime, particularmente em razão das circunstâncias que conduziram seus representantes ao poder. Envolvido nesse contexto, Jakobson encontra novamente uma função: no começo de 1920, ele deixou a União Soviética com destino a Reval (atual Tálín), capital da Estônia, a primeira janela soviética para o Ocidente; tinha acabado de ser designado para o cargo de diretor de imprensa de uma recém estabelecida missão diplomática à capital estoniana.

O cargo envolvia, ainda que indiretamente, a produção de documentos concernentes às relações diplomáticas junto ao governo local. No entanto, quando a equipe estava formada e as ações estabelecidas, começaram a surgir contratempos de ordem política, de maneira a prejudicar os propósitos oficiais. Somado a isso, a execução das atividades foi diretamente comprometida com a eclosão da Guerra Russo-Polonesa, deflagrada em 4 de maio de 1920. Tudo isso fez com que ele se mantivesse por aproximadamente três meses em Tálín sem poder regressar à Rússia Soviética.

8 JANGFELDT (org.), 1992, p. 84.

Por fim, no início de abril de 1920, uma ordem solicitou que ele retornasse a Moscou; porém, no final de maio, outra determinação o designou para um novo posto, junto a outra missão; com isso teve de embarcar novamente para Tálin, onde passou todo o mês de junho aguardando autorização para seguir para Praga, destino final da missão que então integrava.

Em suma, toda essa conjuntura de fatos, que envolve ao mesmo tempo ligações políticas e conhecimento acadêmico, o leva para a Europa Central, de onde não regressaria mais à União Soviética até 1957.

2. Praga, a Oxford russa

Na capital tcheca, Jakobson estava contratado para desempenhar as atividades de tradutor/intérprete de uma missão da Cruz Vermelha Soviética que, além de serviços humanitários, tinha a intenção – não declarada oficialmente à época – de repatriar prisioneiros russos capturados durante a Primeira Guerra Mundial. Em suma, tratava-se de um cargo que atrelava confiança política a habilidades linguísticas.⁹

Ao aceitar o convite para a missão da Cruz Vermelha, Jakobson a tinha intenção de deixar definitivamente seu país, embora logicamente não tivesse explicitado seu plano quando assumiu o cargo. Aceitar a posição era uma oportunidade única de sair da Rússia Soviética, já à época sob um regime rigoroso quanto à saída e à entrada de seus compatriotas. Ele então deixou o país de maneira pacífica, como empregado de uma missão ao exterior. Posteriormente, em 1958, por ocasião de uma missiva enviada ao político tcheco Petr Zenkl, que se encontrava

⁹ Em *My futurist years*, Jakobson relata que havia comunicado a Sallomon Gillerson, antes mesmo de ser confirmada sua designação à cidade de Praga, de suas verdadeiras intenções no país de Kafka: buscar colocação na vida acadêmica e trabalhar para a Cruz Vermelha. A princípio Gillerson recusou a dupla intenção de Jakobson e o mandou escolher uma delas, depois aceitou a indicação. (Cf. JANGFELTDT (org.), 1992, p. 84).

exilado nos Estados Unidos, Jakobson explicitou a razão política (ou a verdadeira razão) que o levou a aceitar o cargo e a permanecer em Praga naqueles tempos incertos. Na carta, ele escreve que

Entre 1917 e 1918 eu era um membro do Comitê Executivo da seção de estudantes do Partido Democrático Constitucional Russo mantido por Miliukov e, por esta razão, permanecer na Rússia Soviética tornou-se mais perigoso para mim. Eu consegui deixar o país como membro da Missão da Cruz Vermelha para Praga, tinha comigo cartas de recomendação bastante eloquentes de acadêmicos russos (Chakhmátov e Speranski) para seus colegas e amigos em Praga. Chakhmátov e Speranski eram, como se sabe, expressamente antissoviéticos.¹⁰

Fora isso, há de se lembrar também das condições favoráveis à vida intelectual e acadêmica que se projetaram na Tchecoslováquia, sobretudo em sua capital, depois de 1918. A ambiência acadêmica foi responsável por um intenso fluxo imigratório de povos eslavos para Praga, particularmente russos e ucranianos, nas duas primeiras décadas do século XX. As estimativas quanto ao total de refugiados, exilados e emigrados russos no período variam muito; segundo os cálculos de Catherine Gousseff, em seu *L'exil russe*, acredita-se que, entre 1918 e 1919, algo em torno de 700 e 900 mil russos e ucranianos tenham se dirigido para capitais como Berlim, Paris, Praga e Sófia, entre outras localidades de menor destaque.

O filósofo e político tcheco Tomáš Garride Masaryk, um dos responsáveis pela independência da Tchecoslováquia dos domínios do Império Austro-Húngaro e o primeiro presidente do país, se sobressaiu entre os apoiadores da iniciativa da imigração eslava. Segundo Peter Burke, em *Perdas e Ganhos*, o governo tcheco convidou cerca de setenta professores russos para se fixarem no país e trabalharem em instituições recém-fundadas, en-

10 JAKOBSON *apud* TOMAN, 1995, p. 39.

tre elas a Faculdade de Direito Russo, a Universidade do Povo Russo, a Escola de Negócios Russa e a Universidade Livre Ucraniana.¹¹

Não tardou muito para que o ambiente acadêmico tcheco se visse influenciado pela *intelligentsia* russa. Em 1924, Mikhailóvski, um imigrante russo em Praga, por ocasião de um artigo que publicou no *Prager Presse*, ante a atmosfera acadêmica eslava dominante naqueles dias, descreveu a cidade como “a Oxford russa”:

De todos os centros acadêmicos russos pelo mundo, o de Praga é hoje o que mais se destaca. Isso está amplamente ilustrado pelo número de professores russos (94) e de estudantes (3.500), por suas escolas e atuações acadêmicas, pela administração de suas atividades acadêmicas e, por último, pela existência de suas próprias editoras universitárias. A posição ímpar de Praga no contexto da comunidade acadêmica russa internacional é amplamente reconhecida – um relato de um professor russo recentemente chamou Praga de “a Oxford Russa.”¹²

Não à toa, Jakobson, quando deixou Moscou, levou consigo cartas de recomendação de acadêmicos russos dirigidas a *scholars* tchecos. Mesmo após ter decidido permanecer na Tchecoslováquia, o jovem filólogo se manteve conectado às atividades políticas, artísticas e acadêmicas da Rússia Soviética. Em novembro de 1924, ele endereça ao linguista e amigo Durnovo uma carta na qual reporta a real situação em Moscou naqueles tempos:

[...] a situação em Moscou está cada vez mais deprimente... Jaroslav Francevitch Papousek voltou de Moscou cheio de um pessimismo sombrio. Sofia [esposa de Jakobson na oca-

11 Cf. BURKE, 2017, p. 179. Mais tarde, o próprio Masaryk seria homenageado com o nome de uma universidade fundada em 1919 na cidade de Brno. Trata-se da Universidade Masaryk, primeira instituição estrangeira em que Jakobson ocupou o cargo de professor, ainda que por pouco tempo, entre 1938 e 1939; primeiro como convidado, depois como professor efetivo de Filologia Russa. Muitos dos estudiosos que viriam compor o núcleo duro do Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926, assim como Jakobson, também iniciaram suas atividades acadêmicas em Brno.

12 MICHAILÓVSKI *apud* TOMAN, 1995, p. 104.

sião] recebeu ontem uma carta de sua família afirmando que as coisas estão sombrias: alguns foram mortos, outros estão doentes, alguns expulsos do trabalho, outros presos.¹³

Ainda que hesitasse quanto à possibilidade de regressar à União Soviética, pois sua vida em Praga à época era extremamente conturbada, ele demonstrava estar convicto de sua decisão, como consta ainda na missiva a Durnovo:

No trabalho, chegou novamente uma solicitação de Moscou; Papousek relata o mesmo de sempre. Antonov está resistindo, mas isso não pode continuar para sempre. Eu não vou para a Rússia; se as coisas não se sucederem aqui, então tomarei uma decisão: vou enfrentar o perigo de frente. (*idem*)¹⁴

O linguista também recebera alguns convites para retornar ao seu país de origem, tanto por parte de acadêmicos, quanto de amigos. Em 1925, o historiador literário A. Skaftymov, que à ocasião era diretor da Universidade de Saratov, generosamente propôs-lhe a posição de professor de Filologia Russa e Linguística Geral, convite a que Jakobson, no entanto, declinou. Outro pedido de regresso veio da parte do crítico formalista Viktor Chklóvski, que almejava restabelecer, junto com Jakobson e outros, as atividades do Formalismo Russo, parcialmente silenciadas entre 1920 e 1930 por incompatibilidade ideológica com a gestão soviética. Em uma carta que atualmente integra *A terceira fábrica*, lê-se os apelos de Chklóvski a Jakobson: “Você está absolutamente certo sobre a crise dos formalistas [...]. Se você voltar, isso muda a correlação das forças, há poucos de nós, e sua ausência está destruindo o sistema.”¹⁵

Ele, de fato, não retorna e passa a lutar cotidianamente com uma forte onda de desconfiança, pessimismo e perseguição.

13 JAKOBSON *apud* TOMAN, 1995, p 91.

14 *Idem*.

15 CHKLÓVSKI, 2002, p. 39.



3. Vivendo sob o fogo: a vida cotidiana de Jakobson em Praga

Como já era esperado, os membros da comissão foram recebidos com indiferença, desprezo e muita desconfiança pela sociedade local: uma onda anticomunista varria o país. Pairava a suspeita de que não se tratava propriamente de uma missão com fins humanitários, mas de um grupo do serviço secreto soviético. O primeiro a se deparar com isso foi Salomon Isaak Gillerson, o primeiro líder da missão.

Gillerson era o representante soviético responsável pelas Relações Exteriores junto à Cruz Vermelha Soviética, era um comunista fervoroso e bastante conhecido na Europa Central. Era descendente de uma família judia de Riga e havia sido treinado segundo os ideais bolcheviques em Moscou. Sua permanência à frente da missão foi bastante breve: assim que desembarcou em Praga, em 1920, ele despertou rapidamente o interesse de políticos de esquerda locais, o que resultou no temor, por parte da ala conservadora local, de uma insurreição popular. As lembranças e consequências da Revolução Bolchevique de outubro de 1917 ainda estavam muito frescas entre os políticos tchecos e a cisma era generalizada. O fato é que sua presença gerou profundo descontentamento, e isso intensificou o desejo da elite política de se livrar dele. E assim o fizeram, um ano depois de sua chegada, em 1921, quando os propósitos da missão foram alterados, e Gillerson, sob forte pressão diplomática local, voltou para Moscou.

Como se não bastasse os infortúnios, perseguições e ameaças, um sentimento antissemita se desenrolava sub-repticiamente no país, e, para complicar ainda mais as coisas nesse sentido, a comitiva da Cruz Vermelha era composta integralmente por judeus. O ministro tcheco de assuntos estrangeiros da época, Eduard Benes, afirmou,



Membros da Cruz Vermelha Soviética em Praga em 1920. Cf. AVTONOMOVA; BARAN; SHCHEDRINA, 2017, p. 293.

num explícito ato antissemita, prevalecente naqueles dias, que o fato de ser composto totalmente por judeus tornou impossível a atividade do grupo em Praga.¹⁶

Aproximadamente vinte dias após a chegada da comissão, a Cruz Vermelha local, num gesto aparente de benevolência, ofereceu-lhe mais três quartos em seu prédio, localizado à Rua Neklanova, no distrito de Vysehrad, em Praga. Mas, a medir pelo teor de

um relatório confidencial do ministro do interior, datado de junho de 1920, esse não foi um ato benemérito: o que de fato motivou a oferta foi a já mencionada suspeita das autoridades do país de que a missão não se ocupava exclusivamente de questões humanitárias ou sociais, mas de atividades políticas e comerciais. A separação dos membros da missão em duas residências acabou fazendo com que o número de vigilantes dedicados ao caso duplicasse; porém, o controle clandestino ficou mais fácil.¹⁷

Jakobson, em 1921, em missiva à sua *dame de coeur* dos anos futuristas, Elsa Triolet, que à época já havia trocado Moscou por Paris, conta que ele era motivo de chacota nos bares tchecos, onde cantavam cantigas depreciativas a seu respeito, acrescentando, entre outras suspeitas, a de ele ser um espião comunista. Assim ele escreve:

Você me pergunta o que estou fazendo em Praga. Eu não sei se você sabe ou não, mas em setembro fui terrivelmente atacado por causa da Cruz Vermelha. O noticiário esteve berrando sobre “uma víbora enrolando firmemente nossos professores” (a víbora, no caso, era eu) etc., os professores estavam hesitantes a meu respeito: não sabiam se eu era um bandido, um acadêmico ou um bastardo ilícito; músicas a meu respeito eram cantadas nos cabarés, tudo isso não era

16 Cf. STEINER, 2019, p. 76.

17 Cf. STEINER, 2019, p. 77.

muito espirituoso. A situação ficou complicada – parece que meu destino é oscilar em circunstâncias inimagináveis. Resultado: eu deixei o serviço na Cruz Vermelha – sem ressentimentos, sem desagradados – e entrei para a universidade.¹⁸

Jakobson, como já citado, antes de deixar definitivamente a Rússia, recorreu a Aleksei Aleksandrovitch Chakhmátov, um renomado acadêmico da área de sânscrito da Universidade de São Petersburgo – de quem havia sido aluno durante alguns meses, no verão de 1917 – e lhe pediu para providenciar uma carta de recomendação, deduzindo que viesse a precisar de algo neste sentido em Praga, o que realmente ocorreu. Chakhmátov providenciou o documento e o remeteu ao *aluno*:

Prezado (estimado) colega,

Talvez esta carta chegue até você através do nosso jovem e talentoso cientista (estudioso) Roman Ossípovich Jakobson. Peço-lhe que o apoie moralmente no estrangeiro. Ele é um linguista de destaque e depositamos muita esperança nele. Quanto a nós, ele vos falará pessoalmente.

Atenciosamente,
A. Chakhmátov

19 de fevereiro de 1920

Quando dos piores dias em Praga, difamação seguida de difamação, correu o boato de que o “verdadeiro” Roman Jakobson havia sido assassinado e a missiva de Chakhmátov, roubada.¹⁹ Logo, o linguista que ali se encontrava em busca de uma colocação nos círculos acadêmicos e intelectuais da cidade era, na verdade, um impostor, um infiltrado do governo soviético, em busca de informação.

18 JANGFELTDT (org.), 1992, p. 117.

19 TOMAN, 1995, p 91

Chklóvski também teve participação nas suspeitas quanto ao verdadeiro papel desempenhado por Jakobson em sua estada na capital tcheca, talvez motivado pelas disputas entre ambos pelo destaque acadêmico e pelo coração de Elsa Triolet.²⁰ Em uma carta não publicada, o *enfant terrible* do formalismo Russo escreveu:

Jakobson chegou em Praga com uma carta de Chakhmátov como um empregado da missão soviética. A carta, redigida em termos brilhantes, surpreendeu os acadêmicos tchecos, mas houve quem afirmasse que o verdadeiro Jakobson, realmente um filólogo talentoso, tivesse sido assassinado pelos bolcheviques e o Jakobson soviético era falso.²¹

Jakobson nos primeiros anos em Praga. Capa do livro Jindřich Toman. *Angažovaná čítanka Romana Jakobsona*. Praga: Ed. Karolinum, 2017.

20 Ver KALININ, 2017.

21 CHKLÓVSKI *apud* TOMAN, 1995, p. 280.



Ante tanta ofensa e desconfiança, Jakobson achou por bem, naquele momento, deixar as atividades da Cruz Vermelha, e assim o fez no final do ano de 1920. Mas ocorre que, mesmo tendo abandonado as atividades, seu nome permaneceu na lista dos funcionários do governo soviético até 1935. Acrescido a isso, o filólogo visitava diariamente os membros da Cruz Vermelha Soviética, quase todas as tardes, além de visitar o apartamento da senhora Solodóvnikova (supostamente uma espiã soviética). O fato de ter mantido seu passaporte de cidadão da União Soviética até 1935, mesmo depois do afastamento da representação, é outro ponto que permanece sem resposta. Os relatórios dos serviços de vigilância tchecos desse período sobre as atividades de Jakobson são vastos e descem às filigranas, contendo, às vezes, sem qualquer pudor, descrições de obscenidades.²²

Desnecessário dizer que essa situação acabou tendo efeito contrário ao esperado: se a intenção era se libertar da aura de suspeita, o fato acabou agravando as desconfianças,²³ as quais foram ganhando força e se espalhando pela Tchecoslováquia até que, em 1929, a questão foi tratada de frente em um artigo do político conservador Karel Kramář, no jornal *Národní List*:

Ninguém em toda a Tchecoslováquia é tão ingênuo a ponto de não perceber tão claramente que a atividade de eslavista desempenhada pelo sr. Jakobson não é outra coisa senão um disfarce sob o qual ele vai cumprindo sua verdadeira missão aqui – a missão de um agente comunista. Ninguém acredita que ele viva dos honorários da *Slavische Rundschau*. [...] ²⁴

É verdade que há muitos episódios não muito claros na vida política de Jakobson, sobretudo durante sua juventude em Moscou e em Praga, e ele não se importou muito

22 Cf. STEINER, 2019, p. 80.

23 SÉRIOT, 2016, p. 119.

24 KRAMÁŘ *apud* TOMAN, 1995, p. 89.

com isso, possivelmente porque sua notoriedade no campo acadêmico acabou por ofuscar qualquer coisa que não tivesse relação com isso. Em *Diálogos*, por exemplo, uma coletânea de perguntas e respostas que ele concedeu a Pomorska, o período tcheco aparece muito palidamente, não permitindo formar uma ideia do que de fato foi sua atuação profissional nos primeiros anos; o mesmo ocorre no autobiográfico *My futurist years*. Sobre essas suspeitas, Marina Sorókina, escreve:

A natureza e os detalhes dessa vida “paralela”, especialmente seu trabalho para várias instituições soviéticas, têm sido amplamente mitificados em memórias e em relatos acadêmicos de sua biografia. De 1920 em diante, Roman Jakobson viveu e trabalhou na Tchecoslováquia, e por décadas acreditou-se que ele havia fugido para lá como emigrado da Rússia. Como ele trabalhava para a legação soviética, entretanto, a polícia local e os emigrados russos “brancos” o consideravam um espião bolchevique; as comunidades acadêmicas tcheca e eslovaca, independentemente de quem governasse o país, o olhavam com declarada desconfiança.²⁵

O fato é que Jakobson foi se envolvendo de tal maneira com líderes e autoridades soviéticas e tchecas (P. N. Mostovenko, K. K. Iurenev, Vladimir Antonov-Ovseenko, Eduard Benes, T. G. Masaryk e alguns diplomatas soviéticos em Praga), e tomando conhecimento de assuntos tão particulares e sigilosos, que, a certa altura, parece que o melhor a fazer era de fato mantê-lo por perto, sob o olhar desses superiores. No entanto, uma ordem maior vinda do Secretariado do Comitê Central em Moscou o dispensou oficialmente das atividades, no dia 16 de setembro de 1927. Desta feita, não se tratava apenas de um afastamento, mas de uma demissão expressa.

Em compensação, o fato de ter sido desligado realmente de suas funções junto ao serviço soviético agradou a alguns membros da comunidade acadêmica da Universidade Charles, mas nem por isso o aceitaram entre seus

25 SORÓKINA, 2021, p. 217.

pesquisadores. A verdade é que a reprovação da candidatura de Jakobson para o doutorado foi uma resistência advinda mais do corpo acadêmico russo da Universidade Charles do que propriamente dos professores tchecos ou alemães. A acusação de espionagem atribuída a ele foi um empecilho realmente forte, que postergou muito sua carreira acadêmica, conforme escreve Pomorska no trecho em que compara os primeiros anos de Jakobson nos Estados Unidos com seu período tcheco:

Em 1941 Jakobson deixou a Escandinávia rumo aos Estados Unidos. Assim, como na Checoslováquia, ele se deparou com uma recepção de reservas e até mesmo de hostilidade por parte de linguistas conservadores, que bloquearam seu caminho de maneira a evitar que ele assumisse uma posição permanente pelos próximos cinco anos.²⁶

Na verdade, as resistências advêm mais da ala política de Praga do que propriamente do meio acadêmico. Diante de tantos empecilhos, ele então experimenta ingressar na Universidade Alemã de Praga, onde por fim obtém sucesso. Um ano após seu ingresso, um crítico tcheco insinuou que a existência de relatos desfavoráveis “ao jovem eslavista” foram responsáveis por postergar sua entrada na vida acadêmica tcheca:

R. Jakobson veio para Praga como tradutor oficial da primeira missão soviética encabeçada pelo mal reputado Dr. Gillerson. Não é de se admirar então que ele tenha despertado desconfiança no começo, apesar de trazer consigo uma acalorada recomendação do famoso eslavista petrogradense, A. Chakhmátov. [...] Entretanto, R. Jakobson se livrou do ódio lançado sobre ele pela associação feita com a missão soviética ao deixar o serviço e, tendo retornado aos seus estudos, está agora se dedicando completamente aos estudos eslavos em Praga.²⁷

26 POMORSKA, 1992, p. 236.

27 CERVINKA *apud* TOMAN, 1995, p. 89.

Na Universidade Alemã de Praga, ele se aproximou de Franz Spina (1868-1938), político e professor de estudos eslavos e Ministro da Saúde e Educação Física do governo tcheco, que aceitou a orientação. Em 1928, Spina repassou a Jakobson a posição de editor da revista *Slavische Rundschau*, da qual esteve à frente até 1939. No periódico, ele publicou muito da sua produção acadêmica da época.

Em 1930, ele submete sua tese de doutorado à referida universidade e é aprovado, Spina e G. Gesemann foram os arguidores. A tese levou o título: *Sobre o estudo comparativo do verso decassílabo eslavo*. Daí em diante, a docência universitária começou a se configurar, ainda que com muitos obstáculos. Em Praga, de fato, nada lhe fora possível. Ainda em 1930, fora indicado pelo colega Bohuslav Havránek, com quem havia, em 1926, fundado o Círculo Linguístico de Praga, para fazer parte do recém fundado departamento de Filologia Eslava, mas não se tratava apenas de uma indicação. Era necessário passar pela complexa trama dos aparelhos ideológicos do estado tcheco. Mas, antes de seguir, farei um pequeno interlúdio, para tratar de um outro aspecto que faz parte do propósito biográfico deste ensaio: seus sucessivos matrimônios na Tchecoslováquia e além.

4 . Intermezzo: os sucessivos matrimônios de Roman Jakobson

A vida pessoal de Jakobson foi bastante complexa. Ele foi casado três vezes, mas nenhuma delas com a mulher que, a medir pelas cartas que redigiu assim que desembarcou em Praga, parecia ser a pretendente ideal: Elsa Triolet, *nom de plume* de Ella Iurievna Kagan. O primeiro matrimônio de Jakobson ocorreu em Praga, em 1922, com Sofia Nikolaevna Feldmann, que, assim como Jakobson, era judia e emigrada. Mesmo num ambiente de crise in-



(Topo) Sofia Nikoláevna Feldman com Pavel Haas e a filha, futura esposa do escritor Milan Kundera-Conforme consta site do oboísta Juri Vallentin (<https://www.jurivallentin.de/en/2018/03/20/pavel-haas-my-yearning-keeps-me-awake-1-3/>), acesso em 15/07/2021.

Pirková e Jakobson na Tchoslóvquia em 1935. Cf. AVTONOMOVA; BARAN; SHCHEDRINA, 2017, p. 297.

tensas, Sofia encontrou meios para cursar medicina na capital tcheca. Treze anos depois, no dia 27 de junho de 1935, os dois se divorciaram.

A primeira esposa de Jakobson tornou a se casar, dessa vez com Pavel Hass, o compositor judeu de Brno com quem teve uma filha, Olga Haasová-Smrcková, nascida em 1937. Antes de se casar com escritor Milan Kundera, ela fora atriz e cantora de ópera em Brno.²⁸ Em 1941, seu pai, Pavel Hass, foi deportado, e em 1944, executado pelos nazistas em Auschwitz. Porém, antes da deportação, Hass, certamente antevendo seu destino, se divorciou de Sofia Feldman, que voltou então a utilizar os documentos pessoais de solteira, os quais eram russos e falsos. Neles havia um detalhe por demais importante para a época: nada indicava sua ascendência judaica. Foi justamente esse detalhe que a poupou, assim como à filha, de ter o mesmo destino do marido.

Ainda em junho de 1935, Jakobson casou-se com a folclorista, tradutora e professora Svatava Pirková, nascida em Viena e criada em Praga. Mais tarde, uma exímia estudiosa do folclore das canções populares da Tchecoslováquia. Ela e Jakobson fugiram juntos para a Escandinávia em 1939, quando da ocupação nazista da Tchecoslováquia, e depois para os Estados Unidos, em um navio cargueiro. No dia 13 de setembro de 1962, em Nevada, depois de um acordo amigável entre ambos, os dois se divorciaram. Depois da separação ela seguiu para Austin, no Texas, onde se juntou à comunidade tcheca desse estado, aí se tornando professora universitária e pesquisadora até se aposentar em 1978. Já Jakobson, ainda em 1962, dava início aos trâmites para seu terceiro matrimônio.

No dia 28 de setembro do mesmo ano, ele se casou pela terceira e última vez com a acadêmica Pomorska, que nascera em 1928 na cidade de Lwów, então parte do Polônia Oriental e atualmente território ucraniano. Aos 11

²⁸ Kundera's first wife's background. In: KUNES, 2019, p. 147.



Jakobson e Pomorska no Brasil, em 1968. Cf. AVTONOMOVA; BARRAN; SHCHEDRINA, 2017, p. 287.

anos, Pomorska fora deportada junto com a família e outros por ocasião da entrada das forças soviéticas na região. A família se instalou no Cazaquistão e aí permaneceu, com muita privação, durante os anos de guerra. Finda a Segunda Guerra Mundial, ela e os seus foram repatriados à Polônia, ocasião em que retoma seus estudos universitários. Fato decisivo em sua vida ocorreu em 1959, quando recebeu uma bolsa para desenvolver estudos junto ao Laboratório de Pesquisa em Eletrônica do MIT, o que a levou a emigrar para os Estados Unidos. Concluída a pesquisa em Massachusetts, Pomorska seguiu para a Universidade de Stanford e depois para a de Chicago, dessa última recebeu o grau de doutora, sob a orientação de Edward Stankiewicz, amigo próximo de Jakobson. Pomorska acompanhou Jakobson em suas andanças pelo mundo – inclusive durante sua vinda ao Brasil,²⁹ em setembro de 1968 – levou seu legado adiante, além de sucedê-lo junto ao MIT como professora de língua russa, a partir de 1963.

29 Jakobson visitou o Brasil em 1968 e aqui realizou diversas conferências. Veja a seguir uma súmula de suas atividades em ordem cronológica e o local em que ocorreram: 09/09/1968, "A gramática da poesia", USP; 10/09/1968, "A poética de Pessoa", USP; 11/09/1968, "A relação entre a linguística e as outras ciências", USP; 13/09/1968, "A questão da temporalidade da Teoria Linguística", UFRJ; 15/09/1968, "Meio século de luta para a Poética Científica", UERJ; 17/09/1968, "A gramática da poesia exemplificada pela análise de Pessoa", UFRJ; 18/09/1968, "As análises do código verbal", Museu Nacional do Rio de Janeiro; 20/09/1968, "Os problemas cardinais da Teoria Linguística", Universidade de Salvador; 23/09/1968, "A doutrina de Saussure à luz da linguística atual", USP; 24/09/1968, "Poética e Folclore", MASP; 26/09/1968, "Joint questões de Linguística e Poética", Universidade de Belo Horizonte; 28/09/1968, "Os métodos e os desafios da teoria linguística", UnB. Sabe-se, por meio de uma carta de 15 de janeiro de 1973, endereçada ao gramático Ataliba Teixeira de Castilho, que Jakobson mantinha estreito contato com a Universidade de São Paulo no começo de 1970. A epístola revela que nos prenúncios de 1970 a USP ofereceu a Jakobson uma vaga de professor de Filologia Clássica e Linguística Geral, um convite que o linguista apreciou, mas declinou, pois havia acabado de aceitar uma vaga na Columbia University. A missiva consta na íntegra no brilhante ensaio de Cristina Altman "A correspondência Jakobson-Mattoso Câmara (1945-1968)". In: *Confluência* – Revista do Instituto de Língua Portuguesa, n. 49, 2015. Rio de Janeiro..



5. Jakobson em Brno

A resposta final quanto à indicação de Jakobson em Brno não coube ao comitê de contratação da instituição, seu caso transitou por diversos departamentos, particularmente entre os Ministério das Relações Exteriores e o Ministério do Interior, esse mais virulento nas objeções e predisposto a recusar a nomeação.

Em 18 de outubro de 1930, o Ministério da Educação recebeu um parecer do Ministério do Interior, no qual constava que o órgão não tinha qualquer objeção à nomeação de Jakobson, desde que não houvesse nenhum candidato natural da Tchecoslováquia que pudesse assumir o posto.³⁰ Já o Ministério das Relações Exteriores, na figura de Kamil Krofta, foi abertamente favorável à nomeação, conforme consta no seguinte fragmento do relatório:

O Ministério das Relações Exteriores não tem dúvidas de que o Dr. Jakobson poderá prestar excelentes serviços ao nosso Estado também no futuro; portanto, não só não temos objeções à sua nomeação como Professor contratado na Universidade de Brno Masaryk, mas também, de acordo com os interesses do Ministério, o recomendamos.³¹

Por fim prevaleceu a recomendação de Krofta e Jakobson foi então nomeado. No final de 1930, ele se muda com Pirková de Praga para Brno e passa à condição de professor provisório. Tudo parecia estar resolvido, mas, para tornar sua posição regular, ele ainda precisava passar pelos procedimentos da “habilitação”, conforme regimento da instituição. No biênio de 1932 / 1933, eis que os dois Ministérios rivais entraram novamente em cena. Na tentativa de embargar a oficialização, a polícia tcheca apresentou um memorando de várias páginas, listando os casos que listavam o suposto comportamento crimi-

30 STEINER, P, *op. cit.*, 2019, p. 82.

31 KROFTA *apud* STEINER, p. 21.



noso de Jakobson.³² Zamini, do Ministério das Relações Exteriores, interveio e buscou reunir novos testemunhos que abonassem a reputação de Jakobson, novamente a indicação deste ministério prevalece e ele se mantém no cargo.

Entre 1933 e 1937, ele permanece na posição de professor provisório, essa situação só viria a mudar em agosto de 1937, quando sai sua designação de professor efetivo de Filologia Russa na Universidade Masaryk, onde trabalha até 1939, ano em que outro fantasma entra em cena: o nazismo.

A Tchecoslováquia foi invadida pelo exército alemão no dia 15 de março de 1939. Jakobson, que era judeu, foi alertado por colegas para deixar Brno. Ele e a esposa retornam, então, para Praga e começam a contatar embaixadas de diversos países para obtenção de vistos de saída do país. Como quem já antevia a perseguição que viria a sofrer o povo judeu sob o comando de Hitler, Jakobson, ainda em 1936, é batizado, por conveniência, como ortodoxo.³³ No dia 22 de abril de 1939, recebe vistos de saída para a Dinamarca. Começava então o seu não menos turbulento período escandinavo.

6. Considerações finais

Este artigo procurou projetar alguma luz sobre aspectos biográficos da vida do linguista Roman Jakobson durante sua juventude em Moscou e sua atuação como empregado da Cruz Vermelha Soviética em Praga. Trata-se de um assunto pouco explorado entre pesquisadores, sobretudo no Brasil. Um ponto que há muito tempo mantém-se irresolúvel é a questão quanto à sua possível atividade de espionagem soviética, particularmente no início de sua

32 STEINER, Peter, 2019, p. 82.

33 SÉRIOT, 2016, p. 108.

chegada em Praga. Muitos anos depois de deixar a Tchecoslováquia, e já se encontrando devidamente assimilado na vida acadêmica norte americana (primeiro Columbia, depois Harvard e MIT), Jakobson ainda se deparava com essa questão. É conhecido o episódio em que ele recusou, em 1957, a indicação de Vladimir Nabókov, já bastante renomado com a publicação de *Lolita* e com seus nove anos de atuação como professor em Cornell, para o cargo de professor de literatura russa em Harvard, ao que Nabókov, ressentido, levantou a suspeita de que Jakobson fosse um espião soviético e parece ter feito contato com o FBI em Cornell.³⁴ O fato é que até hoje não se escreveu uma linha definitiva sobre isso. Sua função em Praga envolvia o contato com informações privilegiadas, lidava com órgãos de imprensa, jornalistas e figuras públicas, publicava artigos nas mídias locais e soviéticas; enfim, compartilhava da confiança e da desconfiança de muitos: para K. K. Iurenev: era “um funcionário muito valioso”; para Mostovenko: “um especialista típico... que, acima de tudo, deve ser monitorado de perto.”³⁵

Referências bibliográficas

AVTONOMOVA, Natalia S.; BARAN, Henryk; CHCHEDRINA, Tatiana G. (eds.). *Roman Ossípovitch Jakobson*. Moscou: Rosspen, 2017.

BURKE, Peter. *Perdas e Ganhos*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GOUSSEFF, Catherine. *L'exil russe. La fabrique du réfugié apatride (1920-1939)*. Paris: CNRS Éditions, 2008.

GLYNN, Michail. *Vladimir Nabokov: bergsonian and russian formalist influences in his novels*. New York: Palgrave-Macmillan, 2007.

JANGFELDT, Bengt (org.); RUDY, Stephen (trans.). *Roman Ja-*

34 GLYNN, 2007, p. 35.

35 SORÓKINA, 2021, p. 230.

- kobson: My futurist years*. New York: Marsilio Publishers, 1997.
- KALININ, Ilya. "Viktor Shklovsky vs. Roman Jakobson. Poetic Language or Poetic Function of Language." In: *Revista Enthymema*, n. 19, 2017. (link: <https://riviste.unimi.it/index.php/enthy-mema/article/view/9427/8901>.)
- KUNES, Karen von. *Milan Kundera's fiction: a critical approach to existential betrayal*. London: Lexington Books, 2019, p. 147.
- POMORSKA, Krystyna et al (eds.). *Language, Poetry, and Poetics: The Generation of the 1890s: Jakobson, Trubetzkoy, Majakovskij*. Berlin: Mouton, 1987.
- POMORSKA, Krystyna. *Jakobsonian Poetics and Slavic Narrative: From Pushkin to Solzhenitsyn*, pp. 259–271. Durham, NC: Duke University Press.
- RUDY, Stephen. 'Roman Jakobson: A chronology.' In Henryk Baran, Sergej I. Gindin, Nikolai Grinzer, Tat'jana Nikolaeva, Stephen Rudy, and Elena Shumilova (eds.), *Roman Jakobson: Texts, documents, studies*, 1999. Moscow: Russian State University for the Humanities.
- SÉRIOT, Patrick. *Estrutura e totalidade: as origens intelectuais do estruturalismo na Europa Central e oriental*. Campinas: Editora Unicamp/ e Unemat, 2016.
- SÉRIOT, Patrick; GADET, Françoise (eds.). *Jakobson entre l'est et l'ouest 1915-1939*, pp. 149–157. Lausanne: Université de Lausanne, 1997.
- SOROKINA, Marina Yu. "Roman Iakobson and the Russian Revolution". In: *Personal Trajectories in Russia's Great War and Revolution, 1914–22: Biographical Itineraries, Individual Experiences, Autobiographical Reflections*. Korine Amacher, Frithjof Benjamin Schenk, Anthony J. Heywood, and Adele Lindenmeyr (eds.) Bloomington (IN): Slavica Publishers, 2021, 215–34.
- STEINER, Peter. "Which Side Are You on? Roman Jakobson in Interwar Prague". In: ESPOSITO, Edoardo; SINI, Stefania; CASTAGNETO, Marina (org.). *Roman Jakobson, Linguistica e Poetica*. Milão: Ledizioni, 2019, p. 75-86
- TOMAN, Jindřich. 1997. *Jakobson and Bohemia / Bohemia*

and the East. In Françoise Gadet and Patrick Sériot (eds.), *Jakobson entre l'est et l'ouest 1915-1939*, pp. 237–247. Lausanne: Université de Lausanne.

TOMAN, Jindřich. *The Magic of a Common Language: Jakobson, Mathesius, Trubetzkoy, and the Prague Linguistic Circle*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

TOMAN, J. *Letters and Other Materials from the Moscow and Prague Linguistic Circles, 1912-1945*. Michigan: Michigan Slavic Publications, 1994.

Recebido em 15/07/2021

Aceito em 16/08/2021